

COMUNICAÇÃO E RESISTÊNCIA NO AGLOMERADO DE BAIRROS NORDESTE DE AMARALINA

Naiane da Silva Santos
Universidade Federal da Bahia
naianhehp2@gmail.com

RESUMO:

O presente trabalho deriva de uma pesquisa desenvolvida sobre a comunicação e a resistência no Aglomerado de Bairros Nordeste de Amaralina. Tem por objeto identificar os processos de resistências que os moradores dos bairros populares fazem uso para subverterem a lógica hegemônica das metrópoles e existem dentro das mesmas ante o avanço cada vez mais forte da parte perversa da globalização. Para isso, analisa as formas de comunicação existentes nesses lugares, mostrando como a comunicação desempenha um papel fundamental na manutenção das dinâmicas sociais e contribui para o fortalecimento das relações, das questões identitárias, e culturais, uma vez que ela tem o poder de difundir ideias e unir objetivos em comum.

Palavras-chave: Comunicação, Bairro Popular, Aglomerado de Bairros

GT – “10”: “Práticas culturais na produção da cidade”

1 INTRODUÇÃO

Comunicação é algo indispensável na sociedade, é através dela que se é expresso as visões de mundo, ideologias, sentimentos, pensamentos, enfim, as relações interpessoais são estabelecidas no dia a dia, criando, recriando, transformando e/ou desfazendo vínculos. Todos repassam informações e estabelecem relações com outras pessoas constantemente, afinal comunicar-se é algo fundamental e inato ao ser humano, que é um ser social e necessita do convívio com seus semelhantes para garantir sua própria subsistência.

John Donne, poeta inglês do século XVI, em seu famoso texto *Meditações XVII* já dizia: “Nenhum homem é uma ilha isolada; cada homem é uma partícula do continente, uma parte da terra (...)”, em outras palavras, os homens são codependentes uns dos outros. Desta forma a comunicação desempenha um papel importantíssimo em suas vidas.

Desde os primórdios os homens já se comunicavam, de formas rudimentares e simples, mas a comunicação se fazia presente entre eles, fosse através de gestos, grunhidos ou da forma primitiva da comunicação escrita: as pinturas rupestres. Tais pinturas foram e são encontradas em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, desenhadas quase sempre em paredes de cavernas ou paredes de montanhas rochosas e datam de milhares de anos, levando a crê que foram feitas pelos homens primitivos, conhecidos como homem neandertal.

Conforme o homem primitivo evoluía, tendo cada vez mais domínio sobre a natureza, produzindo ferramentas e utensílios mais elaborados, usando o fogo de forma cada vez mais intensa, vestindo peles de animais para se proteger das intempéries do clima e do tempo, dominando novos territórios, entre outras atividades, a comunicação também evoluía com ele, adquirindo formas e elementos cada vez mais eficientes, eficazes e organizadas.

Ao associar um som ou um gesto a um determinado objeto ou ação, o homem criou os signos, que são coisas que remetem ou referem-se a outras coisas ou a uma ideia. A significação dos signos é a base da comunicação, uma vez que o interlocutor (quem recebe a mensagem) ao entender a referência que o signo enviado pelo locutor (quem envia a mensagem) possui, a comunicação é estabelecida, não importando o tipo de linguagem utilizada para tanto, seja ela oral, escrita, gestual, etc.

Ao longo da história as civilizações aquelas que possuíam maior domínio sobre a comunicação e suas formas e técnicas eram os que mais prosperavam. Um bom exemplo disso é o Egito Antigo, que inegavelmente foi uma das maiores e mais prosperas civilizações que já existiu, o qual possuía um grande domínio sobre diversas e eficazes técnicas comunicacionais que facilitavam a propagação, sobretudo de ideias, notícias e informações entre as diversas classes sociais existentes em seu território, propiciando maior rapidez nas ações, nas relações e na dinâmica social como um todo.

A comunicação é algo tão importante e fortalecedor entre as pessoas que, durante o período da escravidão uma das estratégias utilizadas pelos donos de escravos para evitar a fuga dos mesmos era comprar escravos de nacionalidades diferentes, que possuíam línguas e formas comunicacionais distintas entre si, dificultando assim as relações entre eles e conseqüentemente uma rebelião bem articulada, já que eles não compreenderiam perfeitamente uns aos outros.

Com os avanços na forma de se comunicar, através das novas técnicas e tecnologias que foram surgindo ao longo do tempo, como o rádio, a televisão, os satélites e a internet, a comunicação passou então a ser encarada não apenas como uma ferramenta de transmissão de informações, notícias, pensamentos e ideias, etc. do cotidiano de forma voluntária, ela passou a ser vista e tratada como uma mercadoria, como um produto com grande valor comercial despertando o interesse de grandes corporações que passaram a ser detentoras das redes de comunicação. Nasce assim a hegemonia dos meios de comunicação.

A chamada “indústria cultural”, isto é, a exploração comercial dos recursos da comunicação, tornou-se uma das mais atraentes inversões de capital, e, conseqüentemente grandes corporações multinacionais passaram a ser proprietárias de redes de comunicação e de empresas que manufaturam equipamentos para as mesmas. (BORDENAVE, 1997, p. 34).

No mundo globalizado o domínio de determinados grupos sobre a hegemonia dos meios de comunicação é ainda mais perceptível, uma vez que as barreiras econômicas são facilmente quebradas pelos detentores do capital, flexibilizando também, muitas vezes, as fronteiras geográficas e por conseguinte a cultura e a política, de modo a facilitar a difusão de informações e o estabelecimento de relações diversas, quase sempre ligadas ao capital. A rapidez e o fluxo com que se propagam as informações são características marcantes dessa nova era das comunicações.

Podemos então falar de uma cientificização e de uma tecnicização da paisagem. Por outro lado, a informação não apenas está presente nas coisas, nos objetos técnicos, que formam o espaço, como ela é necessária à ação realizada sobre essas coisas. A informação é o vetor fundamental do processo social e os territórios são, desse modo, equipados para facilitar a sua circulação (...). Os espaços assim requalificados atendem sobretudo aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política e são incorporados plenamente às novas correntes mundiais. O meio técnico-científico-informacional é a cara geográfica da globalização. (SANTOS, 2009, p. 239).

E assim a comunicação evoluiu, vindo desde os gestos e grunhidos até os tempos atuais da comunicação de massa e das redes virtuais, onde as informações são tratadas como mercadorias e circulam num piscar de olhos, adquirindo a cada dia mais alcance e permanência, influenciando de forma direta a vida das pessoas, que não percebem que estão, muitas vezes, servindo de depósito de futilidades criadas para desviar seus olhares de coisas realmente importantes. Esta globalização, da qual me refiro, é ancorada no pensamento de Milton Santos, que diz que ela só foi possível no pós Segunda Guerra Mundial a partir da unificação dos sistemas técnicos regionais.

Essa comunicação de massa, feita pelos detentores dos meios hegemônicos de comunicação quase sempre atua para mascarar a realidade dos sujeitos e imprimir uma falsa verdade sobre eles. Pensando nisso, este trabalho tenta mostrar como os bairros populares, que são invisibilizados ou estereotipados pelas grandes mídias da sociedade subvertem essa prática e forjam a comunicação dentro do seu lugar de inserção, através da cultura, da criatividade e da resistência diária, fazendo uso de meios populares e alternativos de comunicação que são ferramentas novas nas mãos dessa classe social e das quais vem se apropriando cada vez mais com novas propostas e intencionalidades.

Tal ideia segue a trilha da proposição do Período Popular da História, de Milton Santos, que é ancorada nas altas densidades comunicacional dos pobres da grande cidade. Tal proposta compreende o bairro popular como espaço privilegiado e diferenciado desta comunicação.

2 ESPAÇO URBANO E AS RELAÇÕES DE VIZINHANÇA

O fenômeno da urbanização, que teve início na Revolução Industrial e se espalhou pelo mundo a partir do pós Segunda Guerra Mundial de forma mais intensa,

modificou de maneira extrema as dinâmicas socioespaciais da maioria dos países ao redor do mundo.

A migração campo-cidade criou, transformou e redefiniu as relações dentro e fora das áreas urbanas, uma vez que o grande contingente de pessoas que deixaram/deixam as áreas rurais e foram/vão em direção aos grandes centros urbanos (onde, em tese, o acesso aos produtos e serviços, as ofertas de trabalho e demais relações inerentes ao sistema capitalista são mais intensas), tendem a ocupar os espaços urbanos considerados como de menor valor econômico, uma vez que a grande maioria destes migrantes não dispõem de recursos suficientes para residir nos “bairros nobres” das metrópoles.

Tais espaços caracterizam-se por serem lugares insalubres e/ou distantes dos centros econômicos, comerciais e administrativos, que são onde se concentram a maior parcela das oportunidades de trabalho. Neles também há pouca ou nenhuma segurança pública e muito descaso do poder público em relação aos serviços básicos que deveriam oferecer. Dessa forma, esses migrantes acabam por se “amontoarem” nesses espaços formando o que conhecemos como favelas ou bairros populares.

Os pobres urbanos têm de resolver uma equação complexa ao tentar otimizar o custo habitacional, a garantia da posse, a qualidade do abrigo, a distância do trabalho e a própria segurança. (DIVE, 2006, p. 39).

A pobreza existe em toda a parte, mas sua definição é relativa a uma determinada sociedade. Estamos lidando com uma noção historicamente determinada. É por isso que comparações de diferentes séries temporais levam frequentemente à confusão. A combinação de variáveis, assim como sua definição, muda ao longo do tempo; a definição dos fenômenos resultantes também muda. (SANTOS, 1978, p. 9).

Os bairros populares são áreas de constante crescimento dentro das cidades e das metrópoles ao redor do mundo, sobretudo nos países subdesenvolvidos. São espaços urbanos que apesar do crescimento exponencial ao longo dos anos, continuam marginalizados e “esquecidos” pelo Estado, tendo suas vozes negligenciadas, abafadas e até mesmo silenciadas dentro da metrópole, ficando praticamente a cargo dos próprios indivíduos as ações que são fundamentalmente de competência dos órgãos governamentais. É, entre outros, através das relações horizontais existentes nos bairros

populares, concretizadas sobretudo através da vizinhança, que os pobres, ocupantes desses espaços marginalizados, subvertem a lógica hegemônica do capitalismo e resistem dentro da metrópole.

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma função própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organizações e espontaneidade. (SANTOS, 2009, p. 322)

A vizinhança possui um papel fundamental dentro do bairro popular já que ela é o cerne de uma rede de trocas e de correlações que vão além das questões econômicas, envolvem também questões relacionadas a socialidade, afetividade e a solidariedade. As necessidades diante das adversidades do cotidiano é o principal combustível para a solidariedade vivenciada nesses bairros. Nasce assim, através das relações de vizinhança, uma cultura local envolvendo os moradores desses bairros forjando também uma identidade que gera um grande sentimento de pertencimento.

O papel da vizinhança na produção da consciência é mostrado por J. Duvigaud (1977, p. 20), quando identifica na “densidade social” produzida pela fermentação dos homens em um mesmo espaço fechado, uma “acumulação que provoca uma mudança surpreendente” movida pela afetividade e pela paixão, e levando a uma percepção global, “holista”, do mundo e dos homens (...) A cidade é o lugar onde há mais mobilidade e mais encontros (...) O movimento é potencializado nos países subdesenvolvidos, graças à enorme gama de situações pessoais de renda, ao tamanho desmesurado das metrópoles e ao menor coeficiente de “racionalidade” na operação da máquina urbana. (SANTOS, 2009, p. 318,319).

Tais relações de vizinhança, que forjam o sentimento de identidade no bairro popular não se restringem apenas a um bairro em si, muitas vezes elas perpassam os limites do bairro individualizado e se estabelecem reciprocamente entre bairros diversos que estão em seu entorno, nascendo assim um Aglomerado de Bairros Populares.

O conceito de Aglomerado de Bairros foi proposto pelo pesquisador Clímaco Dias. Tal conceito refere-se aos bairros populares que possuem suas dinâmicas diárias imbricadas umas nas outras de maneira a criarem pontos de convergências e trocas indissociáveis entre seus moradores.

A ideia de Aglomerado é inspirada na Geologia quando esta o define aglomerado como uma rocha que é composta de minerais variados. É também inspirada na Astronomia ao falar no ajuntamento de estrelas diferentes como um aglomerado. É o princípio da união na diferença, seja nas diferenças internas dos bairros ou nas diferenças entre eles. Aglomerado de Bairros Populares é um conceito proposto nessa pesquisa, fundado na concepção de unidade na diferença do bairro popular. Estes bairros podem formar um Aglomerado, baseado em história comum, contiguidade física, centros comerciais, de lazer, rotas de mobilidade comuns, que forjam comunicações menos intensas que o bairro e mais intensas do que a Cidade. (DIAS, 2017, p. 120).

Tal conceito não se assemelha com o conceito de Aglomerados subnormais, desenvolvido pelo IBGE, utilizado para se referir as áreas mais pobres dos bairros populares, levando em conta as condições das habitações, tamanho dos lotes, largura das ruas e prestação de serviços pelo Estado, uma vez que o conceito do IBGE ressalta as diferenciações intrabairros, enquanto o conceito desenvolvido por Dias é pensada em torno de um ajuntamento de bairros populares que possuam alguma forma de relação cotidiana.

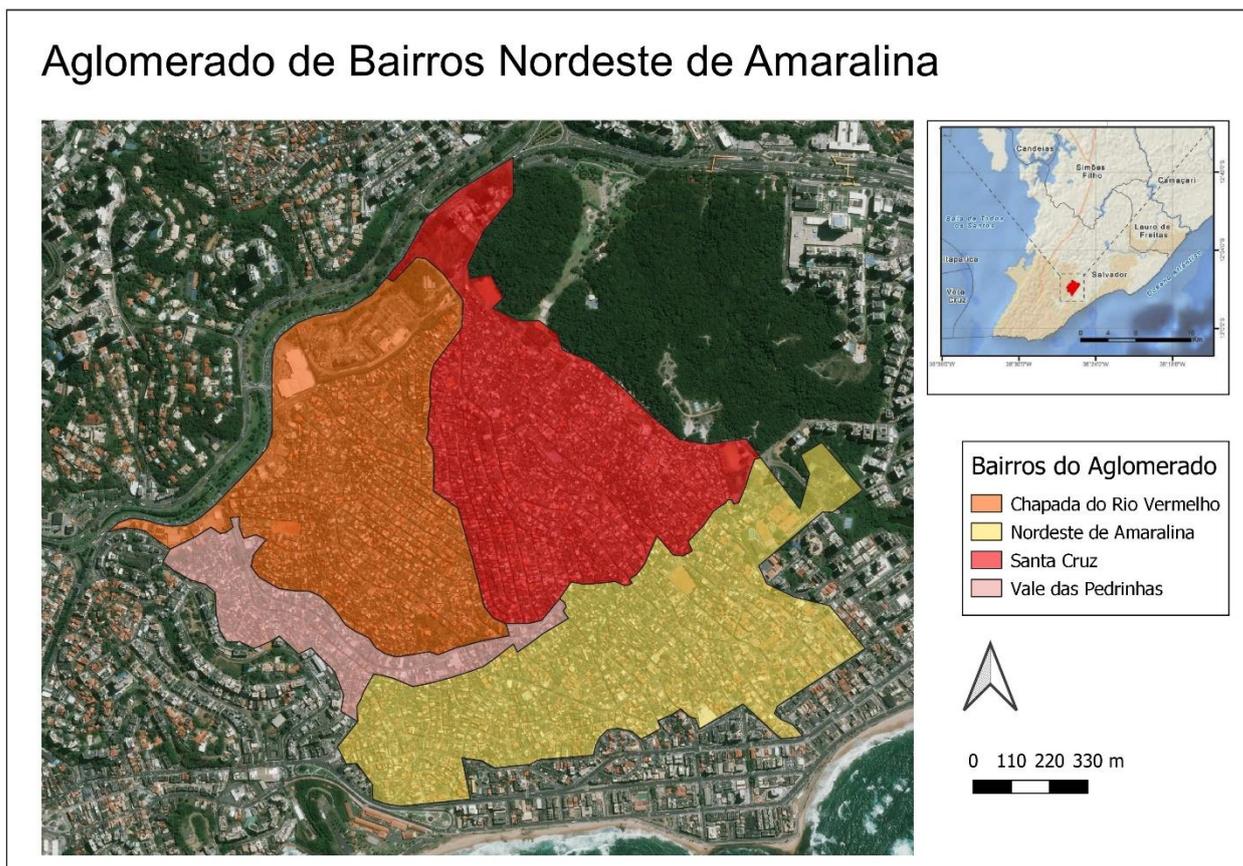
Se diferencia também do termo complexo de bairros, popularmente utilizado para designar agregados de bairros populares, surgido durante as operações policiais nos bairros populares do Rio de Janeiro, na medida que, de acordo com Dias (2018, p118) “Esta denominação, embora tenha se popularizado exponencialmente pela força de mídia das UUPs, e, ainda influenciado trabalhos acadêmicos, é completamente vazia de sentido para contemplar os elementos que caracterizam estas formações de bairros, uma vez que não consegue colocar nada além dos itens segurança e violência, o que conduz ao mesmo sentido neopositivista da utilização do conceito de região para definir um conjunto que tem intensidade na comunicação”. Dessa forma, o conceito de aglomerado de bairros se adequa melhor à realidade diária de interação existente em determinados bairros populares.

3 AGLOMERADO DE BAIROS NORDESTE DE AMARALINA

O Aglomerado de bairros Nordeste de Amaralina é uma ocupação que tem suas origens nas antigas freguesias da Sesmaria de Itaparica, que foi vendida e dividida em seis grandes fazendas, sendo elas, Paciência, Alagoas, Ubaranas, Pituba, Armação do Saraiva e Santa Cruz. Posteriormente, José Alves do Amaral comprou a fazenda Alagoas

e mudou seu nome para Amaralina. Foram as áreas das fazendas Amaralina, Ubarana Santa Cruz e Pituba que com o passar do tempo originaram o Aglomerado de Bairros Nordeste de Amaralina.

Figura 01 – Mapa do Aglomerado de Bairros Nordeste de Amaralina - 2019



Fonte: SEI (2015) e Imagem aérea do Bing (2019). Elaborado pela autora.

Atualmente o Aglomerado é composto por quatro bairros, a saber, Nordeste de Amaralina que no último censo demográfico realizado pelo IBGE em 2010 possuía uma população residente de 21.887 pessoas; Santa Cruz que de acordo com o mesmo censo possuía uma população residente de 27.083 pessoas; Chapada do Rio Vermelho com 21.955 moradores e Vale das Pedrinhas com 5.162 moradores.

Fazendo um comparativo entre o censo realizado no ano 2000 e o realizado em 2010, verifica-se que o crescimento demográfico dos bairros que compõem o aglomerado foi muito pequeno, chegando a ter um crescimento negativo em dois deles, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 01 - População residente nos bairros componentes do Aglomerado Nordeste de Amaralina, período 2000-2010, taxa anual de crescimento e variação decenal

População Residente (Habitantes)	2000	2010	Taxa Anual	Variação Decenal
Chapada do Rio Vermelho	20.644	21.955	0,62%	6,4%
Nordeste de Amaralina	20.684	21.887	0,57%	5,8%
Santa Cruz	30.016	27.083	-1,02%	-9,8%
Vale das Pedrinhas	7.639	5.162	-3,84%	-32,4%

Fonte: DIAS, 2017.

A comunicação forjada num aglomerado de bairros populares, apesar de ser menos intensa do que no bairro, é mais intensa que cidade, como nos traz o fragmento supracitado, uma vez que a escala influencia diretamente nessa questão, facilitando assim as trocas, principalmente de informações, entre os indivíduos, reforçando uma ideia de unidade entre diferentes.

Essa comunicação existente num bairro ou num aglomerado de bairros populares não é a mesma comunicação praticada pelos meios de comunicação de massa que partem de uma lógica e de um olhar hegemônico sobre os fatos e sobre os lugares, forjando notícias e informações que não contemplam as singularidades socioespaciais dos lugares. Tal comunicação baseia-se numa lógica alternativa, que subverte e resiste aos meios hegemônicos, colocando as dinâmicas locais como protagonistas das notícias e informações veiculadas, produzindo uma forma contemporânea de direito à cidade, através dos meios de comunicação populares e alternativos como rádios comunitárias, sites, blogs, entre outros. A esse respeito, Ângelo Serpa diz:

Romper com o isolamento e caminhar em direção à abertura e ao encontro, subvertendo a lógica hegemônica de funcionamento dos meios de comunicação de massa: eis o grande desafio a ser enfrentado pelos meios populares/alternativos de comunicação. Para esses grupos que produzem conteúdo veiculados nas rádios livres ou comunitárias e nos domínios virtuais alternativos, trata-se “da necessidade de uma atividade criadora [...], necessidades de informações, simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas” (LEFREBVRE, 1991, p.104, apud SERPA, 2011, p. 30).

Dentro da geografia, o conceito de lugar é entendido e trabalho a partir de diferentes correntes do pensamento geográfico, desde o marxista que pensa os lugares a partir das distintas versões dos processos de reprodução do capital ao redor do mundo, ao fenomenológico e humanista, entendendo os lugares como o centro da reprodução da

vida cotidiana, da cultura e das distintas visões de mundo. (SERPA, 2011, p. 22,23). É a partir das experiências humanas que um lugar pode ser entendido como histórico, como cultural e como identitário, sem essas relações os lugares não podem ser vistos como tais, mas sim como áreas. Assim, faz-se necessárias práticas humanas que convertam as áreas em lugares, criando relações, trocas e apropriações que, entre outras coisas, propicie uma enunciação do viver, como é o caso da comunicação. Nesse sentido Serpa, em sua obra Lugar e Mídia aduz:

Apropriar-se – taticamente – dos meios de comunicação em uma escala local significa, para os grupos e iniciativas envolvidos nesses processos, enunciar um lugar a partir da ação e do discurso, “fabricando” lugares nas mais diversas escalas espaciais, para a reprodução de novas ideias de cultura a partir da criatividade e da subversão, marcando a emergência, como pressupomos aqui, de uma esfera pública urbana renovada. (Serpa, 2011, p. 24).

Assim, os meios de comunicação alternativos, adotados nos bairros populares são uma forma de resistência e enunciação dos lugares a partir do discurso, uma vez que os lugares estão cada vez mais escassos dentro das metrópoles, que apoiada pela globalização os engole e os transformam em espaços hegemônicos.

A metrópole parece negar os lugares, sobrepondo valores e conteúdos hegemônicos às experiências enraizadas na vida cotidiana de cada lugar. (SERPA, 2011, p. 23).

Cada lugar é, à sua maneira o mundo. Ou, como afirma M. A de Souza (1995, p. 65), “todos os lugares são virtualmente mundiais”. Mas, também, cada lugar irrecusavelmente imenso numa comunhão como o mundo, torna-se exponencialmente dos demais. A uma maior globalidade, correspondente uma maior individualidade. É esse fenômeno que G. Benko (1990, p. 65) denomina “glocalidade” (...). (SANTOS, Milton. 1996, p. 252).

Subverter a hegemonia da globalização não é tarefa fácil, requer criatividade, força e sobretudo determinação, já que a força com que esse fenômeno adentra os lugares é intensa e sedutora. Muitas vezes faz-se necessário a adoção de práticas que não necessariamente a subverta, mas que a incorpore de maneira diferente ao que seria de praxe. Como por exemplo a incorporação que houve em Salvador onde se bebe coca-cola produto fortemente divulgado pela mídia mundial, comendo um acarajé, produto cultural que carrega um grande significado e é um símbolo de identidade tanto é que o saber das baianas em fazê-lo foi reconhecido como patrimônio cultural imaterial pelo IPHAN,

misturando assim um hábito de gênese histórico-cultural com um hábito adquirido através da globalização e da cultura de massas. Essa incorporação híbrida é acima de tudo uma resistência dos lugares diante a hegemonização que tende a transformá-los em iguais, padronizando suas culturas e suas relações, através principalmente do consumo e dos meios de comunicação.

3.1 SUBVERTENDO A LÓGICA E AS PRÁTICAS DE COMUNICAÇÃO HEGEMÔNICAS NO AGLOMERADO DE BAIROS NORDESTE DE AMARALINA

Como já foi dito anteriormente, os avanços nos sistemas comunicacionais juntamente com a globalização transformaram a comunicação numa mercadoria e isso produziu um efeito homogeneizante nos lugares, que foram perdendo suas características singulares cada dia mais. As manifestações e práticas culturais locais outrora tão fortes e presentes neles, foram saindo de cena e abrindo espaço para a cultura de massas altamente propagada pelas mídias hegemônicas presentes sobretudo nas metrópoles.

Na tentativa de subverter a hegemonia dos meios de comunicação, os bairros populares passaram a adotar sistemas alternativos e populares de comunicação, a exemplo das rádios comunitárias, sites, blogs e redes sociais, que veiculam informações referentes a suas localidades. Esse movimento de apropriação socioespacial dos meios de comunicação pelos agentes populares é tanto uma forma de resistência como de produção do espaço urbano, uma vez que o processo de criação desses sistemas populares transforma e reconfigura o lugar.

As rádios comunitárias são um dos principais sistema de comunicação popular, através delas os moradores dos bairros populares obtêm e propagam informações e notícias referentes a seus bairros bem como os comerciantes locais divulgavam seus produtos e serviços para todo o bairro, fortalecendo assim seus comércios. Nos bairros populares de Salvador, as rádios comunitárias atuam através de dois sistemas: Linha Modular e Radiodifusão. O sistema de Linha Modular consiste em caixas de som espalhadas pelos bairros e exige trâmites burocráticos mais simples para seu funcionamento, precisando apenas de uma autorização da Sucon (Superintendência de Controle e Ordenamento do Uso do Solo), órgão municipal responsável pela fiscalização e autorização das intervenções nas edificações e vias públicas. O outro sistema, o

Radiodifusão já é mais complicado, uma vez que quem fiscaliza esse tipo de sistema um órgão Federal, a Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) responsável pelo controle das transmissões das ondas sonoras, o que dificulta bastante para as emissoras populares conseguirem a autorização para transmitir em frequência FM.

A Lei Federal 9.612/98 do Ministério das comunicações define a rádio comunitária como um tipo especial de emissora FM, possuindo um alcance limitado a no máximo 1 km a partir de sua antena transmissora, sendo criado para proporcionar informações, lazer, entre outros, como dispões o Art. 3º da referida Lei:

Art.3º. O Serviço de Radiodifusão Comunitária tem por finalidade o atendimento à comunidade beneficiada, com vistas a:

- I- Dar oportunidade à difusão de ideias, elementos de cultura, tradições e hábitos sociais da comunidade;
- II- Oferecer mecanismo à formação e integração da comunidade, estimulando o lazer, a cultura e o convívio social;
- III- Prestar serviços de utilidade pública, integrando-se aos serviços de defesa civil, sempre que necessário;
- IV- Contribuir para o aperfeiçoamento profissional nas áreas de atuação dos jornalistas e radialistas, de conformidade com a legislação profissional vigente;
- V- permitir a capacitação dos cidadãos no exercício do direito de expressão da forma mais acessível possível;

No Aglomerado de Bairros Nordeste de Amaralina não é diferente e lá os meios de comunicação popular vêm ganhando cada dia mais força, produzindo cada vez mais conteúdos em que os principais atores são os bairros populares que o integra. O Aglomerado não possui nenhuma rádio comunitária que opere através do sistema FM, todas as rádios comunitárias que operam dentro de seu território são através do sistema de Linha Modular, popularmente chamado de LM. As mais populares dentro do aglomerado são a Rádio Comunitária A Voz do Vale das Pedrinhas, localizada no bairro Vale das Pedrinhas e a Rádio Comunitária Nordeste Comunicações, localizada no bairro Nordeste de Amaralina, esta última no ar desde 04 de janeiro de 1999. As rádios comunitárias exercem um papel fundamental no tocante a comunicação popular e à liberdade de expressão até hoje.

O advento e a difusão da internet pelo mundo alteraram e transformaram as formas de comunicação de maneira avassaladora. O que antes levava um tempo considerável para ser noticiado, compartilhado ou até mesmo atestado, passou a ser feito de maneira instantânea, em tempo real, através dos sites, blogues, redes sociais e aplicativos de

mensagens. Valendo-se dessa transformação, os agentes dos bairros populares passaram a se apropriar desses meios para através deles darem voz e visibilidade as suas localidades quase sempre invisíveis aos olhos do poder público.

No aglomerado de bairros em questão, os sites desempenham um papel fundamental na divulgação das práticas culturais locais, produzindo conteúdos sempre pautados na realidade cotidiana do mesmo, tentando sempre evidenciar ao máximo as coisas boas que o aglomerado possuem e que quase sempre é negligenciado e desconsiderado pela grande mídia, que põe um rótulo sobre eles e vendem apenas a imagem de lugar violento, perigoso, insalubre, etc.

O site mais popular dentro do Aglomerado de Bairros Nordeste de Amaralina é o NordesteuSou, criado em 6 de agosto de 2011 e que possui uma página no facebook que tem mais de 30 mil seguidores. Na página do facebook há uma descrição do site com o seguinte texto: “Com o intuito de desmistificar esse paradigma o portal NordesteuSou criado no dia 6 de agosto de 2011, consiste em unir ações de esporte, lazer, entretenimento e notícias culturais, com um modelo de Web Site diferenciado, priorizando o RESPEITO e o que tem de melhor na nossa comunidade”.

Através do NordesteuSou muitas manifestações e práticas culturais que ocorrem no aglomerado ganham visibilidade, como é o caso do carnaval que ocorre no bairro Nordeste de Amaralina, que já faz até parte da programação oficial do carnaval de Salvador, com o nome de Circuito Mestre Bimba. O NordesteuSou (site e página do facebook) faz uma divulgação fortíssima bem como uma cobertura completa do evento, divulgando horário de saída dos blocos, atrações e qualquer notícia relevante envolvendo o circuito além de dar dicas de como chegar, onde ficar e como aproveitar ao máximo os dias de carnaval no bairro, na contra mão das grandes mídias que divulgam e fazem a cobertura apenas dos grandes circuitos, citando vez ou outra os circuitos populares.

O carnaval não é algo novo para o Nordeste de Amaralina que em meados da década de 60 foi o berço de nascimento da escola de samba Diplomatas de Amaralina, uma das mais importantes da história do carnaval de Salvador, ela levava o público a loucura com seus desfiles belos e empolgantes. Entre os anos de 1963 a 1972, existiam escolas de samba em Salvador, que por sinal tinham mais destaque e visibilidade que os trios elétricos e disputas tão acirradas quanto um campeonato de futebol.

Figura 02 – Escola de Samba Diplomatas de Amaralina



Fonte: Site Soteropreta¹

Além do carnaval, a capoeira é um elemento cultural muito importante no aglomerado que foi o lugar onde Mestre Bimba, criador da Capoeira Regional, morou boa parte da vida. A capoeira tem um significado forte para os moradores dessa área, que se enchem de orgulho de morarem no mesmo lugar onde o Mestre Bimba morou e criou muito do que hoje é conhecida como Capoeira Regional (mistura da capoeira tradicional com a luta nordestina batuque). A capoeira foi uma das maiores práticas de resistência dos negros contra a escravidão e até hoje ela é um símbolo de resistência, não mais contra a escravidão, mas, no caso do Aglomerado de Bairros Nordeste de Amaralina, contra as ações de silenciamento e invisibilidade praticadas contra ele por diversos setores da sociedade, principalmente o poder público e as grandes mídias.

Outra festa bastante popular no Aglomerado é o Forró da Sucupira, que já se consagrou como uma das melhores festas juninas da capital baiana, contando sempre com um grande público e mostrando ser um grande símbolo da expressão cultural local.

4 DESVIANDO O OLHAR

¹ Disponível em: <http://portalsoteropreta.com.br/livro-sobre-escolas-de-samba-em-salvador-sera-lancado-este-mes/> > Acesso em ago. 2019.

Não podemos deixar de perceber que todo esse engajamento por parte do site supracitado, em exaltar ao extremo o Aglomerado, quase sempre omitindo e/ou negligenciando informações e notícias a respeito principalmente da segurança local, deve-se sobretudo à influência do poder paralelo existente nesta localidade.

Como os operadores dessas redes comunicacionais populares também residem nestes mesmos lugares, não podem se comprometer a falar abertamente sobre certos assuntos. É um tipo de censura velada, popularmente conhecida como lei do silêncio. Isso fica evidente quando analisamos alguns casos ocorridos nos últimos oito meses, em que alguns homens, ao serem perseguidos pela polícia, sequestram pessoas e exigem a presença da imprensa na tentativa de salvaguardar suas vidas, uma vez que se sabe que o braço armado do Estado possui uma alta letalidade.

A imprensa que se apresenta para cobrir os fatos é a hegemônica, uma vez que a imprensa local, pertencente às comunicações populares, não fazem esse tipo de cobertura, eles se restringem a apenas compartilhar as informações já divulgadas pelas grandes mídias, pois assim se eximem da culpa de ter produzido o conteúdo a respeito do fato, apenas o compartilhou.

Esse fato não apaga em nada o brilho e a importância do trabalho realizado pelos meios de comunicação populares, pelo contrário, o agregam ainda mais valor, na medida em que a grande mídia continua mostrando o bairro popular apenas como um lugar de muitas mazelas. Não se trata de vender uma ideia romantizada do bairro popular, o que infelizmente alguns fazem, mas sim de exaltar as inúmeras coisas positivas que o bairro popular possui em detrimento das ruins.

O bairro popular resiste principalmente através da cultura e da criatividade dos seus moradores, subvertendo lógicas hegemônicas e atuando como agentes produtores do espaço, exercendo o seu direito à cidade de forma imperativa, mesmo que o Estado só se faça presente em sua área através da polícia, que funciona como seu braço armado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação é um direito fundamental e precisa ser encarada desta maneira. Ela é tão importante quanto qualquer outro direito fundamental e sendo assim precisa ser respeitada e fomentada em todos os espaços. O direito a liberdade de expressão

(respeitando os outros direitos, claro), juntamente com o direito a construir os próprios meios comunicacionais são elementos que, quando apropriados pelos agentes populares, tornam-se elementos da enunciação do espaço.

Para esses grupos e iniciativas, trata-se de viabilizar um espaço de mediações, uma esfera pública urbana renovada, regida por uma nova ética capaz de nortear a um só tempo ação e discurso e produzir/enunciar um “lugar”. (SERPA, 2011, p. 25)

Este trabalho buscou compreender as práticas das quais os agentes populares, sobretudo os pertencentes ao Aglomerado de Bairros Nordeste de Amaralina fazem uso visando subverter a hegemonia das grandes mídias que os excluem de seus holofotes.

A base do mesmo foram as formas de comunicação popular e alternativas, presentes em praticamente todos os bairros populares em que se tenha uma forte relação interpessoal entre seus moradores, que forjam um sentimento de pertencimento ao lugar, possibilitando assim o uso de estratégias de resistência aos domínios que tentam se fazer presente nessas localidades.

Por ser um conceito novo, proposto recentemente por Dias (2018), o Aglomerado de Bairros ainda não se popularizou, no entanto, trata-se de um conceito que exprime muito bem a teia de relações presente no cotidiano de muitos bairros populares, possibilitando pensar esses lugares como espaços da mudança.

As manifestações culturais, que resistem às tendências homogeneizantes da globalização e da cultura de massa são o combustível para a resistência dos bairros populares, que tem nelas a obstinação necessária para não se renderem totalmente, existindo assim sob constante pressão.

Quando Milton Santos propôs o Período Popular da História, era sobre isso que ele se referia, sobre as mudanças nas lógicas hegemônicas produzidas pelos agentes populares, mudanças capazes de subverterem a lógica dominante e se fazer (re)existir. As práticas populares e alternativas de comunicação mostram que os agentes populares são capazes de encarar a hegemonia do mundo globalizado e produzir seu próprio espaço de atuação, enunciação e resistência.

5 REFERÊNCIAS

BORDENAVE, Juan E. D. **O Que é Comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1997. 105p.

BRASIL, Lei nº 9.612, de 19 de fevereiro de 1998. Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L9612.htm Acesso em: 06 de julho de 2019.

DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo, 2006. 272p.

DIAS, Clímaco C. S. **Práticas socioespaciais e processos de resistência na grande cidade**: relações de solidariedade nos bairros populares de Salvador. 2018. 286p. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia.

SANTOS, Milton. **Pobreza Urbana**. 1 ed. São Paulo, Recife: HUCITEC, 1978. 120p.

SANTOS, Milton, **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4 ed. 5 reimpressão. São Paulo: EDUSP, 2009.

SERPA, Ângelo. **Lugar e Mídia**. São Paulo: Contexto, 2011.